



Grammatica

de Grammatica

(DECIMA EDIÇÃO)

Lições colligidas

por

F. P. R.

LIVRARIA FRANCISCO ALVES & C.

Rua do Ouvidor, 166 - RIO DE JANEIRO

Rua de S. Bento, 55 - S. PAULO

Rua da Bahia, 195 - BELLO HORIZONTE

1924

SA  
38-8  
03

A  
9 - 2  
0 48



00020824

71

77 :  
v v

1826

O. A.  
C. N. de E

Ventura  
Manuscripta  
Licoes colligidas

BIBLIOTECA NACIONAL  
DE MAESTROS

Duplicado  
por del N.º 23585

B. S. R.

A  
B-10  
17

*Approvado e adoptado pelo Governo para  
as escolas publicas do Estado*

*Reservado todos os direitos.*

# El Calligraphia.

- Não digas que estás adiantado na escola. Até é feio. Pois então esta letra é de um aluno adiantado?

- Ora, tu pareces tola. Que é que vale a calligraphia?

- Que é que vale? Minha mestra não me daria uma só nota boa, se eu escrevesse assim.

- Os mestres andam sempre com estas historias. Dig-me uma coisa. Que é que vale mais, a casca ou o miolo? A calligraphia é a casca e o miolo é o que a gente escreve, o sumo.

- Sim, mas uma pagina de letra bem talhada, bem limpa, é uma coisa muito bonita.

- É a tal babuzeira de

sempre. De que serve ser bonita?... Melhor, muito melhor é que seja bem escripta, com correccção e estylo elegante. Olha, sabes uma cousa; eu creio que os grandes homens escrevem todos com uma lettra muito feia, muito mal feita, muito cheia de borões e de emendas.

— Como a tua?

— É porque não?

— É assim teria continuado a discussão entre Alvaro e a sua irmã, si o pai não entrasse na occasião, a tempo de ouvir parte dos debates.

— Olha, está ahí papae, vê si elle anda bordando lettras como tu?

— Não borda lettras, mas também não enche o papel de borões e de emendas.



— Tua irmã, tem razão, disse o pai. A calligraphia deve ser cuidada com carinho. Uma bonita letra é um excellento dote no homem. Digo-te mais, é uma prova de boa educação.

— De boa educação papai?

— Sim. A boa educação, a civilidade, em q resumo em poucas palavras. Para mim não consiste em certas e determinadas etiquetas, mas num principio que as resume todas, e que a todas deve servir de base. Este principio é o seguinte:

Em nossas relações, tanto familiares como sociaes, devemos procurar sempre aquillo que for agradavel ás pessoas com quem tratamos e evitar tudo aquillo que possa ser desagradavel.

É proviſso que devemos ser correctos nas maneiras, vestir-nos com asseo, fallar com cuidado e cortezia, e escrever de modo que, quem tiver de lêr o que escrevemos, tenha uma impressão agradável.

— É justamente o que eu dizia, devemos escrever correctamente, com estylo, com elegancia...

— Com calligraphia.  
— Mas os medicos são pessoas educadas e eu sempre ouvi dizer que têm uma lettra muito má. Até já me disseram que eu tenho lettra de medico.

Não todos. Medicos contentes eu, que não desprezam a calligraphia. Além de que, ao medico, tendo de escrever a receita ainda impressionado muitas vezes

pelo exame do doente, e' dis-  
culpavel que não possa  
ter capricho na lettra;  
entretanto, imagina o mal  
que pode causar, si escreven-  
do sem a devida clareza, o  
pharmaceutico se enganar  
com os medicamentos.

— Vés, como eu tinha razão?

— Concordo com papae, mas  
não comtigo. Que se tenha  
lettra clara, sim, mas an-  
dar bordando lettras!...

— Não é preciso bordar let-  
tras. Mas é preciso ser cuida-  
doso. Tu dizes que concordas  
commigo e não com tua ir-  
mã, pois bem, eu te dei,  
que concordas com ambos.  
Para que um homem possa  
ter uma lettra regular, lim-  
pa, igual, embora não seja  
uma lettra bonita, é preciso  
que, em criança, na escola, te-  
nhã sempre o maximo ca-

pricho, não escreva uma só  
linha, uma só letra com  
falta de cuidado. A cal-  
ligraphia é um bom dote  
no homem; não é por cer-  
to o mais precioso, entre-  
tanto merece bem que não  
seja desprezado.

B. P. R.

### A lingua portugueza.

É a lingua portugueza  
bella, rica e sonora; mezos du-  
ra e tarda que a allemã  
e a ingleza, mais energica e  
variada ao ouvido que a ita-  
liana, mais suave e natu-  
ral que a castelhana, e su-  
perior em tudo a franceza.  
José Bonifacio.

1	2	3	4	5	6	7	8	9	0	-	1	8	5	0	0	-
---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---

## Vozes de animaes.

Paham pèga e papagaio  
E cacarêja a gallinha,  
Os ternos pombos arrulham,  
Geme a rôta innocentinha.

Muge a vacca, berra o toiro,  
Grasna a rã, rugo o leão,  
O gato mia, uiva o lobo,  
Tambem uiva e ladra o cão.

Relincha o nobre cavallo,  
Os elephantes dão urros,  
A timida ovelha balga,  
Jurar é proprio dos buros.

Regouga a sagaz raposa,  
Buntinho muito matreiro,  
Nos ramos cantam as aves,  
Mas pia o mocho agoireiro.

Sabem as aves ligeiras  
O canto seu variar,  
Fazem gorgeios ás vezes,  
A's vezes põe-se a chilrar.

O pardal d'amminho aos campos,  
Não aprendeu a cantar,  
Como os ratos e as doninhas,  
Apenas sabe chiar.

O negro corvo crocita,  
Junto o mosquito enfadonho,  
A serpente no deserto  
Solta assobio medonho.

Chia a lebre, grasna o pato,  
Ouvem-se os porcos grunhir,  
Libando o succo das flores,  
Costuma a abelha zumbir.

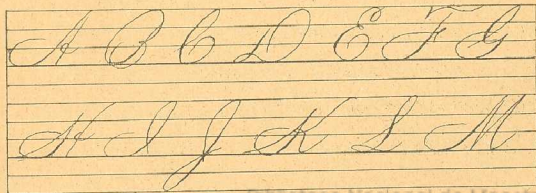
Bravam os tigres, as onças,  
Pia, pia o pintainho,

Lucurica escanta o gallo,  
Late e gane o cachorrinho.

A vitellinha dá berros,  
O cordeirinho balidos,  
O macaquinho dá guinchos,  
A creancinha vagidos.

A fala foi dada ao homem,  
Rei dos outros animais:  
Nos versos lidos acima  
Se encontram, em pobrezaima,  
As vozes dos principaes.

Pedro Diniz.



# Lucas

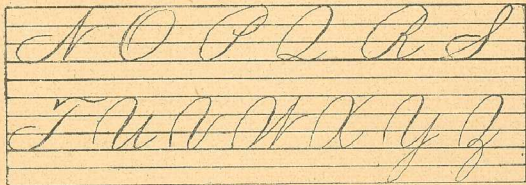
Quem fosse n'aquella hora  
Sobre algum tronco lascado,  
Sentar-se no descampado,  
Da solitaria ladeira,  
Veria descer da serra,  
Onde o incendio vai sangrento,  
A passo tardio e lento,  
Um bello escravo da terra  
Cheio de rico e valor...  
Era o filho das florestas!  
Era o escravo lenhador!  
Desceu a encosta do monte,  
Tomou do rio o caminho,  
E foi cantando baixinho  
Como quem canta p'ra si.  
Era uma dessas cantigas  
Que elle um dia improvisara



Quando junto das coivaras  
Fey-se o escravo-trovador;  
Era um canto languoroso,  
Selvagem, bello, vivace,  
Como o canico que nasce  
Sob os raios do Equador.

Eu gosto d'essas cantigas  
Que me vêm lembrar a infancia;  
São minhas velhas amigas,  
Sorellas morro de amor!..  
Deixae ouvir a toada  
Do captivo lenhador.

Castro Alves.



## O Gil

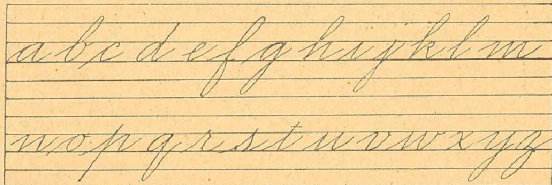
O Gil, criança estragada  
pelo maternal carinho,  
é um fero despotasinho  
de natureza indomada.

Já matou um passarinho,  
rasgou uma obra ilustrada,  
furou um olho ao gatinho,  
quebrou um braço na escada.

Si a mãe o perde de vista  
a conversar com os parentes,  
o Gil percorre as alcovas,

— Que barbeiro e que dentista! —  
Tirando os dentes aos parentes,  
fazendo a barba às escovas.

Antonio Sales.



## Natal

Noite, de Natal, Theresa  
Princou, correu sica e mica,  
E enfim, de cansaco d'grexa,  
Foi dormio sua boneca.

Quando acordou - que surpreza!  
Vendo ao lado, uma boneca  
- Rosada como uma inglesa,  
- Louca como um d'pueca,

Vestiu-se com doçido afan  
E em procura, da matran,  
Do quanto a fira couca...

E ao vel-a, disse: «Mãisinha  
Olha esta borrequinha  
Que Nossõ Senhor me deu!»

Antonio Sales.

Agricultura é a mais mo-  
bre occupação do homem

## Aniversario.

Queridíssima.  
No dia dos

teus annos que queres que eu te diga?

Que os annos da virgem  
são como as manhãs das flores: e que  
na aurora da vida, flores e doncellas,  
scintillantes do orvalho de Deus,  
têm mais pureza e perfume? Hei?

Diz-te-ei somente  
uma cousa: — É que lá no Rio  
vale talvez a pluma fazer annos.  
N'uma tarde de Primavera e de  
esperança, vivendo e sentindo, se  
viver, é doce por ventura, sentir  
que mais um anno passou como  
um sonho, mais um anno de sa-  
dade e felicidade.  
Aqui nós acontece assim.

O céu tem nevoas, a terra não tem  
verdura, as tardes não tem perfume.  
É uma miséria! É para desgostar  
um homem toda a sua vida de ver  
ruínas! Tido aqui pouco velho  
e centenario... até as moças! São  
insipidas como a mesma velhice.

O dia 12 de Setembro está para chegar.  
Estou quasi não fazendo annos desta vez.

Adieu, minha irmã!  
Aparição nova da vida que se abriu  
hoje seja tão feliz como a que se fechou com  
Ann.

O dia seja bello como a aurora,  
o futuro tão suave como a saudade é  
doce. Adeus!

É a palavra que d'entre as  
taipas em ruínas da nova terra,  
te envia,

Seu irmão.  
Alvaro de Azevedo.

## Arrependimento infantil.

Era uma vez uma menina — linda menina que ella era. — Muito linda de rosto e de gesto e da figura e de tudo, porém muito feia de coração.

Tinha esta menina com sua mãe, que a adorava, e com outra irmã, que tinha, mais velha e melhor, sem comparação muito melhor.

Adorava-as a ambas, como vos digo, a boa de sua mãe que era uma senhora moça e ainda formosa; mas pesava-lhe muito e muito que tanta maldade se escondesse em tão galante creatura. Quem visse a menina chamar-lhe-hia um anjo, que tamanha gentileza tinha; mas quem a tratasse... — ai! — Deus do céu! — nem me atrevo a pensar no que lhe chamaria.

Tinha ella sete annos, uns sete annos travessos como os sete peccados mortaes e, se bem me lembra, chamava-se Luiza. Era a menina Luiza, que vivia muito estimada e acarinhada por sua mãe, e com tantos nimos de ercação, era, como vos já contand'o, uma creatura muito endiabrada, muito e muito má lá por dentro. Custa-me deveras ter que dizer-vos isto de tão linda menina, mas é a pura verdade.

Fazia chegar o praxeiro ao coração vel a logo de manobã bem vestida, bem pregada e bem penteada, feita um brinquinho com muitos cuidados e disvelos; era uma dor d'alma quando meia hora depois apparecia enxovalhada e desgrenhada, toda outra muito diversa do que fora, uma bruxa horrenda para a vista. Não era isto que ella fosse de seu natural inimiga do aceso, mas porque tanto corria, tanto saltava, tantas travessuras fazia, que em breve todo aquelle conchego, arranjo e concerto, era como se nunca l'he houvessem feito.

Ora bem vêdes, que menina assim, só sua mãe — tão boa mãe como ella era — a poderia soffrer. Mas, para que melhor vejaes a tí onde chegava a maldade d'aquelle coração pequenino, quero contar-vos um caso que l'he succedeu — um caso cruel que a fchorar muito e muito e por muito tempo.

Havia em casa uma cadellinha, cor de ganga, bonita — era uma perfeição. Fiel e boa amiga, limpa e nedia a não poder ser mais. Era a perola da especie canina: só l'he faltava falar. Em mansidão não havia excedel-a. Brincava com as duas meninas como se tivesse entendimento. Deixava-se arrastar, torcer e beliscar, pela diabolica Luiza, sem de tudo aquillo se mostrar offendida, antes de cada vez l'he l'aím-

bia mais e mais as mãos fazendo-lhe festas com ar queixoso, sim, mas não agastado.

Cansada de ver que todos os seus maus tratos não enraiveciam a boa cadellinha, ou talvez inspirada pelo demónio tentador das meninas más (que eu não quero acreditar possa haver maldade bem profunda n'estas almas novinhas, ainda de pouco saídas d'entre as mãos do Creator), quereis saber o que ella fez?

Sem se importar com os bons conselhos de sua irmã, que lhe pedia com lagrimas nos olhos não fixesse tal, pegou de um cordel muito forte, e chamando a cadellinha com o engodo de alguns bolos - arrepiam-se-me os cabellos só de pensal-o - alla-lho a cauda, e começa a apertar-lha sem alma, cada vez mais e mais, com muito prazer seu, e muitas sentidas queixas da pobre cadellinha, que toda se torcia e gania com a grande dor que lhe faziam padecer.

Em quanto o triste brutinho erguia para a horrenda pequena uns olhos lacrimozos e reprobensivos, que faziam estalar de pena o coração mais duro, ria-se ella como uma perdida. Ria, como se lhe tivessem dado um paraizo de alegrias. Ria, ria, ria, e cada vez apertava mais.

A cadellinha era muito mansa, muito docil, mas não era de pedra. Afinal seccaram



-se-lhe todas as lagrimas do seu padecer, fugiram-lhe os gemidos dolorosos. Estava já a ponto de desentear de puro soffrer, quando, por um instincto de defeza, mais poderoso do que a vontade, por um movimento muito rápido, muito cego, e muito cheio de desesperação, voltou a cabeça e cravou os dentes nas mãos da cruel menina.

Vejam que horror! A pobre da cadellinha, logo no mesmo momento, arrependida do mal que a sua dor causara, começou a garrir com magua ainda maior, e desloubou-se de roço no chão lambendo-lhe os pés, como quem se offerencia ao castigo.

Quixera eu que todas as creanças mal inclinadas vissem aquella vista — Que vista, meu Deus! — O brutinho com um anel ensanguentado, feito pelo fatal cordel, na cauda que d'antes encaracolava com tamanha graça! E ella, a doida da Luiza, com a mão ferida pelo desespero do pobre animalinho, que nunca na sua mansa vida fixera mal a ninguém! — Ai anjos do céu! Devia de ser medonho!

Mas — poderéis crel-o — apesar da grande dor que sentiu, Luiza não chorou. Não chorou porque uma voz desconhecida lhe disse ao ouvido que toda aquella dor só a sua maldade lh'a tinha feito, e ella nem um grito soltou!

Oh! por muito má que uma menina seja, lá lhe ha de chegar por força uma bo-  
ra em que oia aquella santa voz da consci-  
encia, que é a voz de Deus, pae de todas  
as meninas. Luira não chorou, mas asse-  
guro-vos que também já não ria como d'an-  
tês rira. Os gemidos generosos que a seus pés  
soltava a cadellinha, entraram-lhe pela al-  
ma dentro, ensinando-lhe a arrepende-se.

Nisto chegou sua mãe com a irmã, que  
vira aquella desgraça e vinha toda chorosa,  
Que scena para tal mãe!

O primeiro impeto de Luira foi atirar-  
se-lhe aos braços, mas não se atreveu. Parecia  
que tinha os pesinhos pregados no sobrado-  
e tinha, que o peso da vergonha não lhe  
consentiu dar um passo. A boia da senhora,  
sabendo a feia accão d'aquella má, tinha  
a muito custo, - a muito custo, erede-m'o-  
composto um semblante mui severo e  
rigoroso; mas a vista d'aquella confusão  
em que estava posta a culpada, d'aquelle  
grande arrependimento, e d'aquelle sangue  
que vertia a branca e linda mão de sua  
filha, todo o rigor se lhe trocou em magua  
e piedade.

Sentiu-se também ferida no seio de  
mãe, e abriu-lhe os braços - uns braços im-  
mensamente consoladores, vergando de  
perdoes e misericordias.

E como a infeliz — que assim podemos chamar-lhe — e como a infeliz se achou leve de repente! Como correu a mergulhar, n'aquellas ondas de compaixão, a dor do seu arrependimento! Como foi depressa esconder no peito de sua mãe o rosto e a vergonha! — Se a visseis... que dó!

A boa mãe já tinha perdoado. Perdão para tamanha culpa só poderia alcançar o um grande arrependimento; e o arrependimento da menina era tal como vol-o não sei contar. Aperlou-a muito, muito a si; e por entre ás lagrimas com que alfofiava o rosto, sorrid-lhe ternamente como só sabe sorrir quem é mãe.

Deve ser assim o céu, quando um criminoso se arrepende.

A prudente senhora não lhe ralhou, não. Bem o merecia ella, mas a consciencia dizia mais á pobre menina, muito mais do que os ralhos poderiam dizer. Ralhos, quanto a mim, só são para a maldade que não tem pejo nem promette emenda. Se as meninas soubessem quanto devem custar, a quem é mãe, esses feios ralhos!... Não ralhou, como vos digo; só lhe disse, em quanto lhe lavava as feridas da mão com a aqua dos seus olhos, e as da alma com o disvelo do seu amor:

Tês, filha, quantas bocas te reprehendem da tua maldade?

E decerto reprehendiam. A dôr fixera entrar bem fundo os dentes da pobre cadellinha; mas a mordedura que o remorso lhe fez no coração, essa ainda foi muito mais funda.

Teve a menina tamanha vergonha do acontecido, que por muito tempo conservou o costume de esconder a mão que fora ferida, quando vinha alguém de fóra. Também algumas vezes foram dar com ella a abraçar a cadellinha, e chorando ambas como se a cadellinha a entendesse.

Ao menos a lição aproveitou. Luiza, d'abi em diante fez-se tão boa como Linda. E muito mais Linda ficou parecendo, porque a formosura da alma, que torna tão galantes as meninas toda se lhe reflectiu na muita formosura do rosto, que tão formoso tinha. Foi tal a emenda, que todos, quando a viam passar, depois d'aquello succeder, diriam o que já d'antes affirmavam de sua irmã:

«Ahi vai a rainha das boas meninas!»  
Curioso que ella e a cadellinha desde aquelle dia ficaram inseparaveis.

Mendes Leal.

Bosquejo

Repica o sino da matiz da villa,  
Como um dia de galla...  
São dez horas somente, o sol rutila,  
Faisca o espelho de crystal da sala.

A pendula palpita  
Compassada e monotona, singello...  
Numa gaiola, electrico saltita  
Um canario amarello...

São dez horas, erquidas  
As persianas deixam ver distantes,  
Nas arvores floridas  
As frondes vicejantes...

Subtil essencia de magnolia e rosa  
Repassa o ambiente... e a mãe a ler ensina,  
Sorrindo carinhosa,  
A loura filha ingenua e pequenina...

Raymundo Corria.

## A superstição.

Maria estava um dia no seu quarto e entretinha-se a ler um interessante livro que seu pae lhe havia dado.

inda que tivesse alguma instrucção, esta não havia sido bastante para tirar-lhe do espirito certas crenças que as mentirosas historias referidas por sua avó lhe haviam transmittido.

Maria era supersticiosa. Suspendendo a leitura por um instante, ella viu que voava pelo quarto uma grande borboleta preta.

A pobre moça atirou o livro ao chão, levantou-se toda tremula, deu um grande grito e nem teve coragem para sair do quarto.

Seu pae que ouviu o grito que ella dera, correu para onde estava a moça e perguntou-lhe o que lhe tinha causado tão grande susto.

— « Olha! ... Papae! ... Uma borboleta preta ... aqui ... no quarto, respondeu a moça quasi sem poder fallar. Que desgraça! ... não succeder-nos? »

— « Minha filha, tornou o pae, é preciso que de uma vez deixes de ser supersticiosa. A superstição é um mal terrivel e que não tem razão de ser. »

Isto traz felicidade, dizem os que tem a desgraça de acreditar nessas cousas, aquillo traz infelicidade!

Ignorancia ou loucura!  
Symbia-te que só uma cousa dá felicidade, — é o cumprimento do dever, só uma cousa nos faz infelizes, — é o faltar ao nosso dever!

Quem é justo e não tem essas crencas estultas, é só em sua consciencia que vai buscar o segredo de sua felicidade.

Felizbato de Carvalho.

## Felisberto de Carvalho

Foi professor.

Sua vida foi a que costumava ser a vida daquelles que hez me. recebem este titulo. Trabalhou, luctou, espalhou beneficios incalculaveis, e como recompensa teve apenas a gratidão dos poucos que souberam comprehender quanto o Brazil deve a seus esforços.

Seus livros são ainda hoje excellentes guias no ensino.

Não devemos fazer aos outros o que não queremos que se nos faça. KK



## As duas mães:

Numa igreja se encontraram  
Duas mães em certo dia,  
Uma entrava: nesse instante,  
Toda cheia de alegria,  
Orgulhosa e triumphante,  
Levava, chegado ao peito,  
Um filhinho a baptisar.

Outra, a infeliz que sabia,  
Levava um filho também,  
Oh! mas essa pobre mãe  
Levava o filho a enterrar!

Cruzaram-se a poucos passos,  
A que trazia nos braços  
Cheio de vida e conforto,  
O filho dos seus encantos,  
E a triste lavada em prantos,  
Que seguia o filho morto.

Trocaram ambas o olhar,  
Nino a mãe afortunada  
Foi que rompeu a chorar,  
Enquanto a desventurada,  
Que o filho tinha perdido,  
Oh! maravilhas do amor!  
No meio da sua dor  
Sorria ao recém-nascido!

Bulhão Pato.

## Amor de família

O amor de mãe é o raso mais ardente que se irradia d'aquelle foco de amor de família. Os seus castos livram-se no coração do filho sentimentos brandos, que não soubera a meiguice d'um pae benigno. As lagrimas são raras no homem, e essas poucas são mudadas pelos affectos do coração, e pelas paixões violentas da alma, não serviam bom exemplo para filhos. Mas a mulher, anjo das lagrimas, quando o é da sensibilidade, essa chora sempre, e faz chorar os que a contemplava com os olhos innocentes, e vendados ainda para as impurezas, que endurecem o coração e atrofiam a sensibilidade. Não estão nessa lastimavel situação seus filhos, que aprendem o mildre, a meiguice, os sentimentos ter-

nos, na ternura de sua mãe, no me-  
lindre daquellas sensações, e na  
meiguice que aformosua suas lagri-  
mas. O di todo esse complexo de ali-  
quias e tristezas domesticas, gera-se o  
fogo que alimenta uma luz peren-  
ne no altar do amor. A palavra-  
familia - symbolisa, a suprema  
das venturas mundanas, o sacra-  
rio mysterioso onde se divinisa as  
grandes virtudes, que depois se apre-  
sentam á luz da publicidade, no  
commercio do mundo, para serem  
admiradas.

L. Castello Branco.

Chomenovicic como m
agua que dorme: corrom
pre-se 1 2 3 4 5 6 7 8 9 0.

## A lagarta e o bicho da seda

Vários animaes um dia,  
Estando a pataratao,  
Acertaram de falar  
No bicho que a seda fia.

— "Que prenda! que habilidade!"

(Dizia o clamor geral)

"Que estame tão fino e equal!"

"Que lustro! que suavidade!"

"Os reis, os deuses e as damas,  
"Não querem doutro trajav!"

Lagarta velha, a ambolar,  
Ouvia entanto essas famas;

Interrompia os louvores  
Com ses, com ses; tanto fez

Que apañhou daquella vez  
Uma lição das melhores.

De tanta asneira já farta  
Disse a raposa: — "Não vêm?  
E' que a senhora lagarta  
E' fiandeira tambem!"

A. Feliciano de Bastilho

Um castello... em papas!

Fernandinho, de volta para casa, trazia, com todo o cuidado, a cesta cheia de ovos, que a madrinha lhe dera de presente.

Pelo rosado das faces, pelo brilho dos olhos, adivinhava-se-lhe a alegria que lhe inundava o coração! Caminhava distraído, cabeça baixa, olhar imóvel, suspenso quem sabe nas azas douradas e macias de delicioso sonho!

Uma dúzia de ovos! Que fortuna!... Eram, pois, doze pintainhos que iria ter dali a vinte e poucos dias — dado o caso que não gerasse ovo nenhum!

Doze pintainhos, sim; mas deixassem passar uns seis mezes, e haviam de vêr mas era doze frangos gordos, tão gordos de metterem inveja aos vizinhos!

Ora, doze frangos vendidos, por barato, a 18500 cada um, produziam 183000!

É então com esse dinheiro, quanta coisa boa se poderia adquirir! Abas, que é mesmo que compraria de preferencia?

Uma perua?! Pois sim, compraria uma perua para fazer casal com o peru do Nenê; a qual, da primeira ninhada lhe daria uns dez peruzinhos!

Estes, vendidos a 15\$000. cada um, renderiam 150\$000. Bem; si em dez annos a produccão continuasse a ser equal, ajunctaria um conto e quinhentos!

Depois, compraria uma porção de vaccas hollandezas; e então, todos os dias mandaria vender o leite pela cidade, num carrinho; e as novilhas iriam para o matadouro.

Quando possuisse ali uns vinte contos, compraria a chacara do pai do Luizinho. E o trolly? E aquelles dous cavallo pretos, de raça? Deixem estar que haviam de pertencer-lhe tambem!

Plantaria então muitas laranjeiras,

muitas ameixas, e jaboticabeiras tam-  
bem, e muitas outras arvores fructi-  
feras, formando um magnifico po-  
mar!... Horta? A sua havia de  
produzir inveja!

Para vêr os trabalhos diarios de  
sua chacara, compraria um caval-  
limbo pampa, que se chamaria Ab-  
rengo.

Saliria no Abrengo todas as  
manhãs, e quando voltasse para almu-  
car, ás 9 horas, um criado havia de  
lavar o cavallo, e dar-lhe uma boa  
ração de milho, para depois levar-o  
para a cocheira...

Mas só elle poderia montar no Ab-  
rengo; ninguem mais. E si Menê algum  
dia insistisse para cavalgar o seu pam-  
pinha, elle havia de dar-lhe um socco...

Aborrido em seus pensamentos, Fernan-  
dinho levantou o braço em acção de dar  
o socco... Mas lá se foi a certa ao chão,  
partindo-se todos os ovos, e transforman-  
do-se em mingau o risinho castello que  
elle construira na imaginação!

Arnaldo de Oliveira Barreto

## A Palavra

De todas as artes a mais bella, a mais expressiva, a mais difficil, é sem duvida a arte da palavra.

De todas as mais se entretêe e se comprõe. São-lhe as outras, como servas, ella soberana universal. Da estatuarica toma as formas; da architectura imita a regradada estrutura de suas edificações; da pintura copia a cor e o debuxo de seus paineis; da musica aprende a variada successão de seus compassos e melodias; e sobre todos estes predicados tem mais do que as outras artes — a vida, que anima os seus quadros, a paixão que dá novo esplendor ás suas tintas, o movimento, que intima aos que a escutam e admiram o enthusiasmo e a persuasão.

Latino Coelho

Habitua-se ao trabalho



## Antonio João.

A columna devastadora vinha dirigida pelo coronel Resquin que, em nome da república do Paraguay, levára inopinadamente a guerra ao seio do Brazil.

O ataque havia sido tão pouco esperado que os batalhões paraguayos, sem opposição alguma á sua marcha de conquista, foram tangendo adiante de si toda a população tomada de sorpresa e possuida de immenso favor.

Ao passar a divisa do Imperio, Resquin destacára de sua força de mais de cinco mil bayonetas uns seiscentos homens para irem abafar a resistencia do tenente Antonio João na colonia de Dourados.

Valente homem aquelle tenente!

Isolado no fundo dos sertões, sentinella perdida da fronteira, morreu como um heróe, ao lado de onze companheiros em quem infundira a coragem e o patriotismo que lhe inflammavam o peito.

Não podia esperar socorro de ninguém. Encerrado em sua palissada, tinha diante e ao redor de si a immensidade do deserto.

Avisado dous dias antes, que para Dourados marchava uma força imponente, não quiz desamparar o posto. Reunio a gente da colonia e fez-lhe uma falla em que citou francez e até latim.

O homem tinha a pretensões litterarias que afagava com certo orgulho, e se revelavam nos officios mensaes que costumava dirigir ao chefe militar de Nioac.

Nessa falla elle expõe as circumstancias em que se achava a colonia e a loucura da resistencia, e terminou dando a todos

licença para o abandonarem.

Elle ficaria.

— Para que? perguntáram uns soldados.

— Para morrer!

Osse de seu commanda-  
dos declaráram que ficariam  
tambem.

Todos os mais partiram: mulhe-  
res, crianças, velhos e até moços.

Antonio João esperou então os  
inimigos da patria. Fez izar  
a bandeira do Brazil e preparou  
com empero o officio com que ha-  
via de responder á intimação do  
invasor.

No dia 28 de Dezembro de 1864  
um soldado, que sahira a cavallo  
a devarnar a redoudera, voltou a ga-  
lope.

A vanguarda paraguaya já ve-  
nha apparecendo.

Antonio João mandou tocar a  
seuir e distribuir os seus oure-  
fios pela patrisada. Cada um

tinha uma espingarda a Memé, duas clavinas carregadas ao lado e não lhes faltava nem munição, nem valor.

Por todos os lados se abriam campos immensos, campos que já se iam tingindo de vermelho.

Eram os paraguayos, cuyas blusas cor de sangue vivo maculavam a verdiazulite selva.

— Estão todos promptos? perguntou Antonio João a sua gente.

— Todos, responderam os oure.

— Então amfrem-se com Deus, porque ninguém se entrega.

— Ninguém! repetiram os oure.

Era Leonidas no meio dos lace demonios.

De repente souo o clarim paraguayo. Um parlamentario se approximava.

A bandeira brasileira desdobrou-se aos ventos do deserto. Parecia ufana de abrigar aquelles dose sublimes insensatos. Losango amarello sobre fundo verde, cores

que mandam um sorriso de consólo as moribundo, quando elle lhes deita o olhar de adieu no campo da batalha. A corôa imperial como que preparava-se para descer sobre aquellas cabeças, transformada em corôa de gloria.

Antonio João preparava-se de civilisado: recebeu, pois, com a maior cortezia o enviado.

A intimação era curta: meia dúzia de palavras, insolentes, como costumavam alinhar os generaes de Lopez.

O commandante de Lourados rasgou em pedaços o officio que preparára com tanto cuidado e carinho, e a lapis traçou esta resposta:

"Sei que morro, mas o meu sangue e o de meus companheiros servirá de protesto solemne contra a invasão do solo da minha Patria."

E assignou com mão firme:

"Antonio João da Silva."

Os paraguayos o chamaram de louco, e nem faltou brasileiro que ao depois disesse o mesmo.

Retirou-se o parlamentar, e a fozza inimiga em distancia cercou todo o campo. Para qualquer lado que os defensores de Dourados deitassem os olhos, viam um cordão vermelho que vinha se apertando.

Nãa guarnição nao houve alma que fraguasse. Quanto mais se demorava aquelle ataque desproporcionado, mais crescia o entusiasmo.

— Viva o imperador! gritou de repente Antonio João.

Era o signal de fogo. Os brasileiros dispararam a um tempo as armas, ligera detonação para aquellas vastidões, respondida por uma immensa repercussão.

O heróe brasileiro caiu ferido mortalmente.

— Fogo, minha gente, fogo! gritou elle nos arrancos da agonía.

Bravos obedeceram á ordem.

Dahi a pouco era arreada a bandeira da realissada, mas ella desceu com ufania como bandeira de victoria e, quando tocou ao chão, uma das suas dobras foi se ensofocar no sangue daquelles que tanto haviam ennobrecido.

Parecia enrubescer de orgulho.

Os paraguayos fireram justiça a Antonio João.

— Era um valente! disseram elles. Se o Brasil tiver muitos desses, a nossa marcha por Mato Grosso não será uma simples passeio militar, como nos contariam.  
Escragmole Tannay.

---

## Amigos.

Coa da Terra-Nova: um formidavel cão.  
O homem que n'io vendeu chamava the Sultão,  
Creio que o traria ha dois annos consigo;  
Eu só lh'o quize comprar para ter um amigo...

Depois que lh'o praguei, o soberbo animal  
Lançou-lhe um triste olhar destes que fazem mal,  
Que envolvem um adeus, talvez o derradeiro!  
O dono, distraído a contar o dinheiro,  
Nem mesmo reparou nessa aflicção,  
E disse-me a sorrir: — « É um bravo este Sultão!  
« Bem nutrido e leal: dedicado e robusto!  
« Mas... pode acreditar que lh'o doupeleusto...  
« Já me salvou a vida uma vez no alto mar.»  
Disse isto, e cortou-me e partiu....

A scis mar  
Naquella ingratidão, que tantas me recorda,  
Do pescoco do cão desamarrando a corda,  
Em voz alta eu bradei: — « Bem solistas tu,  
— O poeta immortal: *Le chien c'est la veste  
En ne pouvant se faire homme, se fait bête.\**  
É como em todo olhar uma alma se reflecte,  
A alma daquelle ser que vinha atraz de mim...  
Curvo, humilde, ou talvez resignado por fim,  
O olhar que então lhe vi, das sombras do seu nada  
Parecia dizer-me: — « Obrigada, obrigada! »

Guilherme Braga.

\* As palavras francuzas significam: o cão é a veste  
que, não podendo fazer-se homem, se faz animal.



## O relógio

— Ora, muito bem, Lucinda, as tuas aulas terminam ás tres horas, e só agora, quasi quatro da tarde, é que me appareces em casa! Já me inquietava a tua demora! Que fizeste durante esse tempo todo? Pois não é civil que o gastasses no trajecto que costumás fazer em quinze minutos!

— Mas eu não me demorei pelo caminho, vovô. Si eu quizesse enganar-lhe, dar-lhe-ia uma desculpa qualquer que o contentasse; mas não o quero, e por isso o senhor pôde acreditar-me: vim direitinha da escola para aqui, sem perder tempo, e nem parar em parte alguma!

— Mas então, como se explica essa demora?

— Não lh'a sei dizer, meu querido avô, e peço-lhe me desculpe a inquietação que lhe causei; terminou Lucinda com um ar compungido, e beijando a face do bom velhinho.

— Será que o nosso relógio esteja adian...

tado mais de meia hora?

— Ah! é isso mesmo, vovô. Agora me lembro. Hoje de manhã — o senhor ainda dormia, — à hora do café, papai comprou o relógio d'elle com o da varanda, e exclamou: "Não sei o que tem aquelle relógio! De uns tempos para cá adianta mais de meia hora por dia! No entanto, era um relógio excelente, e de uma exactidão admirável! Hum! mas agora já me não inspira muita confiança..."

— Ah! teu pai disse isso?! Mas porque o dizia elle?

— Não sei. Provavelmente porque ao relógio lhe falta agora aquella exactidão rigorosa que antes possuía, e que o tornava digno da confiança que nelle se depositava!...

— É justamente essa a razão, minha filha. Quiz teu pai dizer que o nosso relógio de parede, que até ha pouco tempo era um individuo leal, verdadeiro, honesto, por mentir se transformou agora num sujeito de character duvidoso, em quem não se pôde mais confiar, até que outra

seja a sua conducta. É que bella lição de moral encerra este facto, minha filha! Todo aquelle que ambicione a amizade dos homens honestos; que queira achar-se rodeado da consideração respeitosa, e da confiança das pessoas de bem; todo aquelle que deseje, enfim, manter-se firme no conceito geral, — só o conseguirá, trilhando o caminho de que acaba de desviar-se o nosso relogio, que agora tambem só mercede desconsideração e desprezo.

Arnaldo de Oliveira Parreto.

Comprimidos e estourados  
offenderam muita gente sem  
intenção nem proposito de offen-  
der a pessoa alguma. h. h.

# Glorias futuras

## Os cinco irmãos

- Dizia o mais velhinho,  
Que se chamava Heitor.  
"Serei Victor Meirelles,  
"Eu quero ser pintor!"
- "Eu não, prefiro a espada,  
"Serei um general!"  
"Eu quero ter as glórias  
"Do Legendário Heval!"
- "Prefiro a paz, a lyra,  
"Viver entre harmonias!"  
"Serei Junqueira Freire,  
"Serei Gonçalves Dias!"
- "Eu não; irei à Itália,  
"Ao berço peregrino!...  
"Serei um Carlos Gomes,  
"O sombador Clivino."

E disse o mais pequeno,  
Semivel quebra-bouças:  
"Eu quero ser Ottoni,  
"Eu quero ser Rebouças."

Hilario Ribeiro

---

Hilario Ribeiro

Perguntae a vossos paes  
si conhecem Hilario Ri-  
beiro, e elles vos dirão  
que sim.

Seus livros elles encan-  
taram o espirito quan-  
do elles ainda eram  
crianças.

Ha alguns annos os li-  
vros de Hilario Ribeiro  
eram os melhores das  
escolas brasileiras, e mes-  
mo hoje prestam elles  
bons serviços.

## O Leão e a raposa.

Meu senhor! disse a raposa,  
Falando um dia ao Leão,  
Eu não sou mexeriqueira,  
Mas calar-me é sem razão.  
Sabe que mais, anda um burro  
Aqui por toda a cidade  
A dizer mil insolências  
Contra Vossa Magestade.  
Ele diz, que não percebe  
Como lhe acham talentos,  
Em que consiste a grandeza  
Desses seus merecimentos.  
Diz que o seu valor é força,  
E que é pouca habilidade,  
Quando vence facilmente,  
Ostentar heroicidade.  
Calou-se um pouco o Leão,  
E depois, sorrindo, disse:  
"Que importa o que dizem asno?  
Enfacciar-se é parvoice."  
Marquiza de Alorna.

## Piratininga

Em principios de Janeiro de 1554, treze collegiães de S. Vicente, dirigidos pelo Padre Paiva, partiram com destino aos campos de Piratininga.

Eram estes habitados por algumas tribus de Quaquanozes, tribus notavos por seu caracter pacifico, mas altivos, incapazes de se sujeitarem a escravidão, a que só poderiam ser reduzidos pelo emprego de grande força e em ultima extremidade.

Atendo, neste estado, pensavam sempre na liberdade, e procuravam todos os recursos para recyberal-a.

Era seu chefe Tebirecá.

Chegados os padres ao Campo, e, servindo-me das phrases do "Quadro Historico de Alcañado de Oliveira, fitando a formosa miragem do paiz, que, ante elles se distendia, fizeram parada nas alturas sobranceiras ao rio Tamanguatehy e ribeiro Anhangabá-hu, e ahi levantaram um rustico aposento para seu abrigo.

A 25 de Janeiro, dia em que a Torreja, com memora a conversão de São Paulo, celebrou-se missa nesse lugar.

Deste facto, se derivou a denominação dada à povoação, que, se, começou, a levantar, denominação, que é, conservada, até o presente.

Americo Brasiliense.

## D. Maria de Souza.

Havendo morrido em um combate contra os Hollandezes o valente Estevam Velho, que já em outras pelejas perdera dois irmãos e um cunhado, chegou essa noticia a sua mãe D. Maria de Souza, que chamando os seus filhos menores, que lhe restavam, disse-lhes:

— Acabam os Hollandezes de tirar a vida a Estevam, e, posto, que já tenha perdido dois filhos e um genro, antes vos quero persuadir, que desvias da obrigação precisa aos homens honrados, em uma guerra onde tanto servem a Deus como a el-Rei, e não menos a Pátria. Pelo que meus filhos, cingi logo a espada, e a triste memoria



do dia em que a fofodes na pinta não vos  
lembra a dor, mas somente a vingança,  
matando, ou sendo morto tão esforçada-  
damente, que não degeneréis d'esta mãe  
e daquelles irmãs.

—○— M. Azevedo.

### Chromo

Amanhecer. O tropeiro  
Passa, cantando, na estrada;  
No seu cabre o roceiro  
Prepara as foices e a enxada.

Ao rumor a luz casada  
Enche de vida o terreiro;  
Parecem bruma cerrada  
As flores, lá! do espinhoiro...

Aspira-se o olôr suave  
Do bom café... Alto e grave  
Bate o pilão nas cozinhas.

Hea junto á horta uns barrancos,  
Onde a mulher, de tamancos,  
Distribue milho ás gabelinhas.

B. Lopes.

## O mestre de rezar

Costumes do Rio de Janeiro no  
começo do século XIX

202

O mestre de rezar era  
são acatado e temerado  
naquelle tempo como o  
mestre de escola. aléu do  
respeito ordinariamente tri-  
butado aos preceptores, dava,  
se em alguma circumstancia in-  
tável, e vinha a ser que os  
mestres de rezar eram sem  
pre velhos e cegos. Não eram em  
grande numero, por isso  
mesmo viviam, portanto, em  
grande actividade e sanha.  
Tram sóffivelmente. Andava  
variadas casas a ensinar  
ancas aos filhos, crias e es-  
cravos de dambos os sexos.

O mestre de rezar não

tinha trage especial, vestia-se cobrindo todos, e só o que o distinguia era ver-se-lhe constantemente fora de um dos bolsos o cabo de uma ferramenta, de que andava aceso, confundindo-se com os outros, e os seus discípulos.

Assim que entrava para a lição, pegava em um sarrão-circulo diante de si (todos os discípulos buscavam do bolso a ferramenta ferula, collocava-a no chão encostada à cadeira, onde se achava sentado, e começava o trabalho).

Fazia o mestre em voz alta o fecho-signal passada e vagava finalmente, no que o acompanhavam em coro todos

os discipulos. Quanto ao  
fazerem os signaes era  
elle quasi sempre logra-  
do, como facilmente se  
concede, porreus. Jure que  
toca a reputação das pa-  
lavras, tão praticos esta-  
va que, por maior que  
fosse o numero dos dis-  
cipulos, percebia no  
inicio do curso, que hia  
via faltado esta ou a  
aquella voz, quando at-  
tinguem se atrevia a dis-  
focar-se ficar calado. Sus-  
pendia então immedia-  
tamente o trabalho e ocu-  
pado era obsequiado com  
uma reressa de olhos que  
de modo nenhum desma-  
tiava a reputação de que  
goza a parcaida de cego.  
Feito isto recommença o  
trabalho, voltando-se sem-  
pre ao principio de ed-

da voz que havia um erro ou  
 falta. O cabado prelo-  
signal, que corria diversas  
 ultimas pegas que ordinariamente  
 se tinha, q' estava boa e em  
 boa, repetia o mesmo soti-  
 nho sempre e em voz alta  
 e compassada a oração que  
 lhe aprazia repetiam depois  
 o mesmo os discipulos do  
 primeiro ao ultimo, de um  
 modo que não era fallado  
 nem cantado, ja he sabido in-  
 terrompidos a cada erro pela  
 competente recesso a de l'ho.  
 Depois de uma oração seguia-  
 se outra, e assim por diante  
 até terminara a l'ção pela sa-  
 danha cantada.

Ao sair, recibia o mes-  
 mo modo frequentada es por-  
 tula do d'ho da casa.

M. A. d' Almeida.

## Bartholomeu Bueno da Silva

É uma intrepida figura de aventureiro, que se levanta no horizonte do século XVII no Brazil com uma grandeza selvagem e semi-legendaria. Filho de portuguez e de india, nasceu na capitania de S. Paulo, e partillhou com os seus patricios a indomavel rede d'ouro que tantos crimes e tantas façanhas inspirou. Em 1682 organizou uma bandeira, penetrou no interior, e, encontrando indios goyazes arceados com espidetes d'ouro, tratou-os com a maior affabilidade, pedindo-lhes que o conduzissem ao sitio onde o ouro se encontrava. Negaram-se os indios; então Bartholomeu Bueno reme os chefes, e, mandando vir um barril de aguardente, despeja o liquido perfettamenteemente semelhante á agua n'uma bacia, incendia-o n'um vasto panche, e, mostrando a chama

ma azulada aos indios aturados, diz-lhes que incendiari ássim os seus rios e lagos se não lhe revelarem onde se encontra o ouro.

Cabem - lhe os indios aos pés, e levam - o a um sitio onde colhe ouro em abundancia e com a maior facilidade. A intrepidez e a astucia tornam realmente notavel este homem que é o perfeitissimo typo d'esses intrepidos bandeirantes, que, levados pela sede do ouro, descobriram e exploraram o interior do continente americano.

Pinheiro Chagas

A despesa productiva en-  
riquece, a improductiva  
empobrece. A. E. O. U.

O orgulho da aquia.

(Paraphrase)

A aquia disse uma vez  
Ao bello sol e em sua voz havia  
Um sarcasmo profundo —:

«A luz do dia  
Porque a estragas, ó sol, deitando-a aos pés  
Da mais humilde e mais obscura planta?

Porque mesclas a areia  
Teu esplendor? Tantos fulgores, tanta  
Riqueza, espalhas, prodigo a mão cheia,  
Sobre mil cousas vis que os não merecem...

Sobre a aza do insecto  
Mais pequenino e de mais feio aspecto  
Os teus limpidos raios resplandecem;  
Vaes procurar na sombra

A flôr mais tenra, o passaro mais pobre,  
E a esses plebeus da arvore e da alfombra  
Dás um farrapo do teu manto nobre...

Sol, bello sol ardente!

Cousa tão rica como a luz da aurora,  
Devias concedel-a unicamente  
A serra, ao mar, e aquia que cêus a fôra  
Prompe; a tudo e somente ao que é grandioso,  
Ao que é bello, ao que é forte...»



É o sol então

Disse a aguia: « O meu raio esplendoroso  
Beija, e verdade, os miseros do chão;

At' a areia se mistura,

É busca, e tem amor

At' perfumada e roída frescura

De um calice de flôr.

At' mesma luz que abraça

As tuas pennas, aguia,

Deixo que a humilde e pequenina arça

Do insecto dourado e fulgurante alague-a.

É sabes tu porque?

Sóbe onde estou, verás: tudo confundo;

D'esta distancia de onde vejo o mundo

Em que és tão grande, o meu olhar não vê

Serras e mares, mais que aves e flôres...

É um raio só dos meus e que illumina

É que enche de fulgôres

At' a aguia gigante e a Terra pequenina ...»

Vicente de Carvalho.

## Alimera do tigre

— 0 —

Não só os animais  
fracos, mas também os  
fortes se valiam de suas  
indústrias e artificios  
para buscar o que  
comem. O tigre, a quem  
não faltam forças, ar-  
mas e ligeireza, refe-  
re Chavet, que se vai  
no lugar donde ha a  
abundancia de bugios  
(de cuja carne, elam-  
cissuro) e deitando se  
no chão de baixo de  
alguma arvore, ou  
de elle costumava a

curditi, pve-se ali co-  
mo morto, sur bu-  
lii consiga, nun ain-  
da fardes que respi-  
ra. Entao os begios  
que estao em cima  
da arvore, temendo-  
se delle, mandam  
diante um corvo,  
pica, para que avise,  
vendo se, observe  
si esta vivo ou mo-  
to, como tal tento pro-  
prio que nao se fie  
delle. E que feito, tor-  
na segunda e terci-  
ra vez o espirito che-  
gando se ja mais  
alguem tanto, ate  
que de todo se persua-

de estar morto: e com  
o que dando aviso  
dos outros, descurto-  
dos são recio, e co-  
meçando a saltar por  
cima delle como q.  
trumpeta do seu rei  
vigo? A este tempo  
o morto, não se en-  
cando da casa que espe-  
rava, ressurto a gran-  
de pressa: e dando so-  
bre elles como um bas e du-  
tas, dea: redaca suavités  
froidi, e then converti no  
festas em pranto, pa-  
gando de elles deste modo  
a timoridade de suo  
lincea susadia.

Fr. Luis de Granada

## Patria.

... santo amor da Patria!

- Que é Patria? Papae.

- Meu filho, o canto que nos agra-  
salha logo que nascemos, o manto  
azul que descobrimos, o solo fértil  
que pisamos - é nossa Patria;

o que vemos neste bello terraço, de  
mais lindo, de mais sublime, de  
mais encantador - é nossa Patria;

o rio que desliza brandamente, as  
nuvas copadas fluevadas habitadas  
por aninhos ferozes e onde pin-  
ham, de galho em galho, passam  
multicores que quebram o silencio  
da solidão com canticos variados  
- é nossa Patria;

a coçada na mar que moramos  
o alegre bairro em que vivemos, em  
fim, meu filho, todo esse collor  
que tem o nome de Brasil -  
é nossa Patria.

- O Brasil não é minha Patria.  
Papae.

- Porque? meu filho

- Porque Mamãe disse que eu sou paulista porque nasci em S. Paulo.

- Oh! meu filho, em que bairro nos moramos?

- No bairro da Liberdade.

- Em que rua?

- Na rua Pedrozo.

- Pois bem; nos moramos na rua Pedrozo e esta rua pertence ao bairro da Liberdade; o bairro da Liberdade é um anabalde de S. Paulo, por isso pertence a S. Paulo; S. Paulo é um estado do Brasil portanto pertence ao Brasil.

- Mas, Papai, o Borges não é brasileiro.

- Porque? meu filho.

- Porque elle disse que nasceu na Bahia.

- O Borges é brasileiro; o Brasil é muito grande e foi, por isso, dividido em muitas partes mais ou menos como S. Paulo e cada uma das partes ficou com um nome, mas não deixa de ser Brasil.

A Patria, meu filho, tem uma

força poderosa sobre os nossos corações;  
e, quando a Patria nos chama, que  
fazemos os maiores sacrificios: que  
abandonamos a casa, a familia,  
aquelles que muito estimamos. Quan-  
do a Patria periga, não devemos  
esquecer que somos seus filhos que  
nãos e que, em sua dejeza, não  
devemos poupar uma gotta de  
sangue; quando qualquer auda-  
cioso tenta offendel-a, homens im-  
pulsionados por essa força, levam.  
Tam-se e, por ella, batem-se  
como leões.

Aquelle que não é levado por  
essa força, que não ama este  
momento sua Patria, é um mon-  
stro.....

— Paul! Paul!

— Eu é, Mamãe?

Carlos A. Gomonfandim

~~Respiração é mais rápida.~~

## O Sabiá

Oh meu sabiá formoso.  
Sonoroso,  
Já desponta a madrugada,  
Desabrocha a linda rosa,  
Bonairosa,  
Sobre a campina ovalhada.

Manto o regato murmura  
Na verdura  
Descrevendo gyros mil,  
Sone-se a estrella brilhante,  
Dacillante,  
No horizonte côr de anil.

Erque-te, oh meu passarinho,  
De teu ninho,  
Vem gozar da madrugada...  
Modula teu terno canto,  
Doce encanto  
De minb' alma amargurada.



Dem junto á minha janella,  
Sobre a bella  
Verdejante laranjeira,  
Beber o effluvio das flores,  
Teus amores,  
Nas asas da aura fagueira.

Desprende a voz adorada,  
Namorada,  
Poeta da solidão,  
Ah! vem lançar com encanto  
Mais um canto  
No livro da criação!

Oh meu sabido formoso,  
Sonoroso,  
Já desponta a madrugada  
Seiza teu ninho altaneiro,  
Dem ligeiro  
Saudar a luz d'alvorada.

Fagundes Varela

## O lobo e o cordeiro

No tempo em que o lobo e o cordeiro estavam em tréguas, desejava aquelle que se offercesse occasião para as romper. Um dia que ambos se achavam na margem de um regato, indo beber, disse o lobo mais encolerizado contra o cordeiro: "Por que me turbais a agua que vou beber?" Respondeu elle mansamente: "Senhor fulano lobo, como posso eu turbar a vossa mercê a fonte, se ella corre de cima e eu estou cá mais abaixo?" Reconheceu o edersario a clareza do argumento, porém, vacillando de meio, instou, dizendo: "Pois se não turbastes agora, a turbastes o anno passado." Sotio-o o cordeiro, dizendo: "Como podia eu commetter um crime hauerá um anno, si eu não tenho ainda de idade mais que seis mezes!" Então o lobo, enfadado, tanto mais quanto mais convenido, disse:

"Pais se não fosse avô, foi fulano  
carneiro vouo pae." E investindo  
ao sobrinho, o levou nos dentes.  
Assim fazem os impijos e mali-  
ciosos, a quem não ha innocen-  
cia que satisfaca, nem disculpa  
que contente.

P.<sup>o</sup> M. Bernardes.

---

A raposa e as uvas.

Conta-se que certa raposa,  
Andando muito esfaimada,  
Viu roxos, maduros cachos  
Pendentes d'alta latada.

De bom grado as trincaria;  
Mas sem lhes poder chegar,  
Disse: "Estão verdes, não prestam.  
Só cães as podem trazer."

Ei-o cae uma parva, quando  
Proseguia o seu caminho;  
E, crendo que era algum bago,  
Volta depressa o focinho.

Bocage.

## Salto de Itu

A natureza parece haver concentrado toda a sua pujança na catadupa tremenda.

Grandes moles de granito allí sobrepostas umas ás outras por braços titânicos de alguma tribo de gigantes, negros monolithos entremecidos ás moles, dão ás muralhas do canal um aspecto ameaçador e torvo.

De dia a queda da torrente parece ir arrancar das entranhas do solo os mais ricos mineraes, mais gemmas preciosas para atirar-as, espadanando, de encontro ás fragas, alas de reis velhos contemplando o abysmo, coroados com as estuercaldas da vegetação e envoltas no arriunho das espumas: barathro e assemblia, ira e conselho, sitio de pavor e meditação.

A noite ouvem-se mugidos e estertores, queixas e lamentos como a sahirem de uma voragem medonha. Diz-se-ia haver allí, ao alcance do olhar humano, a entrada de um dos cyclos apenas sonhados pela fervida imaginação do divino poeta. Vultos indistinctos agitam-se e estorcem-se naquellas trevas meio alumina-

pela luz que se não sabe de onde vem, si do proprio barathro, si do firmamento constellado.

Si, porém, a lua ergue a pallida imagem acima da catadupa, as aguas revoltas em caixões cobrem-se com o disco luminoso do arco-iris, e pousando nelle a planta subtil, envolve-se em um nêo de nevoas e fada Mãe-d'água, no dizer singelo do povo, e sobe acima do Paltó até voar nas azas do vento.

O viajor que é colhido de surpresa por tamanha maravilha, embalde tenta arrancar-se á seducção daquelle espectáculo.

No cair da tarde, bandos de andorinhas, deitando ora em espiras, ora em chuma compacta, pousam na muralha da peste esquerda do rio. A muralha é cortada a pique: as avesinhas seguram-se á penha e conservam-se de pé até a alvorada, mas tão unidas, tão coezegadas e em tamanha copia que parece haver alguma mão mysteriosa coberto e lapa com um sudario negro. Os naturaes do lugar chamam taperás ás avesinhas singulares que alli vão dormir.

Salvador de Mendonça

## Oia Avante!

De erroneas tradições affim despertam  
brios de uma nação,  
e instrumentos de Deus abrem ao povo  
em visões povir um mundo novo  
à mente, ao coração.

Não trefidiz, obreiros do progresso,  
eia avante! eia sur!  
os males da ignorancia e da miseria  
vencei! Remotam-se escravos da materia  
aos soldados da luz.

Em ver do ferro á mortandade affeito  
na batalha voraz,  
tendes a penona, em que lampeja a idéa;  
e assim gravais no tempo aurea epopéa  
do trabalho e da paz.

Tudo se inspira e tudo se electriza  
da creença em que viveis,  
e para gloria universal do ensino  
distribue-se no liro o pão divino  
entre povos e reis

Nu marcha triumphal quanto prodigiosa  
tal cruzada produzir!  
Para matar a sede do indouro,  
d'alma aos impulsos convertidos, o ouro  
corre em fontes de luz!

Apague-se a desfeita divisa  
o poder é poder;  
da força bruta o predomínio acabe,  
reine a razão; mais pôde quem mais sabe  
esperar e querer.

Firme-se a lei ao nível do direito  
para todos igual.  
Deus a igualdade immensas bens emana.  
Do momento em que as nações unamam,  
a escola é o pedestal.

Iluminai e abri para o futuro  
com vozes nobres mãos,  
a livre escola em alicerces fundar,  
enquanto pede a voz dignos immensas  
luz, mais luz, cidadãos!

## O presbyterio.

O presbyterio, situado no meio da povoação, era um edificio humilde, como todos os que ainda subsistem alevançados pelos godos sobre o solo da Hespanha. Cantos enormes sem cimento alteiam-lhe os muros; cobre o ambito um tecto achatado, tecido de grossas traves de cavallo sobpostas ao tenue colmo: e seu portal profundo e estreito presagia de certo modo a mysteriosa portada da cathedra da idade media: as suas janellas, por onde a claridade, passando para o interior, se transforma em tristonho e repusculo, são como um typpo indeciso e rude das frestas que, depois, alumiarão os Templos edificados no decimo



quarto seculo, atravez das  
Quaes, coada por vidros, de  
mil cores, a luz ia bater  
melancholica nos alvos pannos  
dos muros gigantes e estampar  
n'elles as sombras das colum-  
nas e arcos enredados das  
naves. Mas, si o presbyterio  
nisigothico, no escasso da  
claridade, se approxima do  
typo christão de architectura,  
no resta revela que ainda  
as idéas grossieras do culto  
de Odin não se tem apaga-  
do de todo nos filhos e netos  
dos barbaros, convertidos  
ha tres ou quatro seculos  
à creença do Crucificado.

A. Herculano

A agricultura faz o pa-  
triotismo. A A A A

## O lobo e o cão magro.

A pequena distancia de uma aldeia,  
Um lobo encontra um gozo.  
E quer ferrar-lhe o dente.  
O cão, manhoso,  
Evendo a coisa feia, —  
Pulsa entre pernas, — diz-lhe humildemente:  
Cão perdidão, — mas Vossa senhoria,  
Ou não vê bem de perto,  
Ou vê decerto  
Em mim polve ignara! ...  
Eusou o que se chama — um carga d'ossos;  
Vendido em qualquer talho,  
Não valho  
Dois tremocos! ...  
Quer um conselho? Espere. Muito breve,  
Meu dono casar deve;  
Corvidado  
Já fui para o noroado;  
Tempo de boda,  
Tempo de fartura:  
Faz-se gordura  
Esta magreza toda! ...  
Tal como sou, não passo d'um lambisco;  
E quanto que depois de uns dias ledos, —  
Não é pra me gabar, — mas ... um petisco  
E eu devo ser  
De se lambur

Os dedos!...  
Deixei que em tire o ventre, de miseria,  
E venha, venha, então!"

O lobo cri na lúria...  
E larga o cão!

Passam dias, — e, muito cauteloso,  
Entra o lobo n'aldéia,  
A ver se acha no gozo  
Melhor presa.

Mas em lugar seguro, o cão, velhaco:  
"Por cá, meu caro? — diz; praxe sem pad...  
Bois dedos de cavaco

Ense o guarda-portão te vamos dar,  
Espera ahí portanto,  
Iramos o ferrolho!" —  
Era o guarda-portão

Um cangarão  
Capaz de estrangular um lobo em quanto  
O demo esfrega um olho! —

O lobo ao vel-o, diz — todo assustado:  
"Senhor guarda-portão, um seu criado!"  
E as pernas põe em rapido exercicio!

Ora aqui está um lobo que, a meu ver,  
Mostrava não saber  
Do seu officio!

Eduardo Garrido.

## Cacada do bugio

Ha no Brasil e Cabo Verde  
tantos bugios, que são praga,  
e porque os estimam em  
Portugal, e muitas partes,  
por seus truqueitos, usam  
lá um modo de os cacar  
sem os ferir, muito fácil  
e recreativo. Saem elles  
cocos abertos, e providos  
de mantimento nas pa-  
ragens, onde andam mais  
frequentes; mas abertos  
com tal proporção, que  
caiba a mão do bugio  
aberta, e não fechada;  
e como este animal fer  
tão ardiloso, que cuidam  
os tapuyas que tem enten-  
dimento, tanto que empol-  
ga no miolo de coco nun-  
ca o larga, nem sabe a  
brir a mão para a tirar  
fóra. Dão sobre elles os ca-

caudores de repente, tanto, que  
os sentem enfiados no  
servo; e porque tem seu  
velhacinho nas arvores,  
fogem para ellas, e faltando  
lhes as mãos para treparem,  
deixam-se apauhas, por não  
largarem a presa do manti-  
mento. S. Vicia.

## Frei Fulgencio.

Costou a ordem carmelitana  
no Rio de Janeiro, distinctos sa-  
cerdotes, entre outros Frei Ful-  
gencio, homem virtuoso, austero  
na disciplina ecclesiastica, e  
muito douto; leccionou fôrse  
anos no seu convento, e muitos  
dos seus discipulos doutoraram-  
se, mas elle não, e quando lhe  
perguntavam, porque se não gra-  
diava em doutor, dizia:

— Antes quero que me perguntes  
porque me não doutorrei, do que  
como me doutorrei. Do N. Almeida.

## O ratinho

( Traduzido de Reyre )

Um ratinho avistou de longe a ratoeira.  
— Eu te conheço bem, disse parlando,  
machina traçoceira  
de que meu velho pae anda sempre fallando.

Não chego, não, ahi,  
vendo-te assim de longe, eu fico satisfeito,  
desconfio de ti.

— Mas sempre quero ver, como tudo isto é feito.

E como julga ser o rato mais esperto,  
vae chegando, chegando, até ficar bem perto.  
E olha, e torna a olhar,  
e dando a volta inteira,  
não canca de estudar  
a ratoeira.

De repente descobre que lá dentro  
um pedaco de queijo mal assado,  
lá, bem no centro,

a um ganquinho parece pendurado.

— Aquillo é tentação, tenho certeza!

— Mas o queijo está mesmo que é um regalo!

— Si pudesse de perto contemplal-o!

Oh! que belleza!

Mas é preciso entrar, e entrar é perigoso  
meu pae o disse!.....

- Estará mesmo armada?

Tambem um rato assim tão cauteloso  
nunca vê nada!

- Isto é tolice!

E vai entrando, entrando,  
e a gulodice  
sempre argumentando.

E quando está bem perto da armadilha,  
aspira-lhe o perfume,  
examina-lhe a cor, as formas e o volume,  
dizendo: - Tu te conheço,  
não me pilhas!

Até já me despeço.

Mas não pode sair! Está tentado!

- Deve estar muito bom! oh, como cheira!

que bom bocado!

que petisqueira!

Apinal dá a dentada.

Volta assustado,

quer sair, mas não pode; a ratoeira  
já está fechada!

R. Rizzari

## Rumo do Oriente

Nasgando a vaga, erguendo a pé, bijando as velas,  
— velas côr de luar com uma cruz côr de sangue,  
la vão, no mar immenso, as levis caravelas,  
como num lago azul o cygne esvelto e sangue.

Embora ruja a vaga, embora contra ellas  
estale o pais, estronde o vento, o ceu se sangue,  
la vão, mares em fora, orgullhosas e bellas,  
sob a cruz onde Christo explandecem sangue.

Baloiçando na onda ad capricho da sorte,  
la vão, rumo do Oriente, em busca dum escuro,  
que talvez seja a gloria e talvez seja a morte.

E enquanto mais e mais a grandeza do Oceano  
e a grandeza do Ceu lhes amendam o porte,  
mais crecem essas naus do Gama sobrehumanas.

Amadeu Amaral.



Um Raio do Sol.

Ha quanto tempo nasceu o Sol, e a Heleninha ainda a dormir! Como sorri! Algum senho alegre. Ainda ninguem entrou no quarto della, e, apesar disto, a Heleninha já ho-je recebeu um beijo. Quem foi então que lhe o deu? Algum passarinho que entrasse pela janella? Não; a janella está fechada. Foi um Raio do Sol, que, penetrando por uma fenda, puzeu nos labios de Helena e ficou todo espantado de encontrar uma menina a dormir. Ha, de repente, Helena acorda, esfrega os olhos, relancia a vista por todos os lados fiara ver quem a acordou, e da' com o raio do Sol.

— Raiosinho brilhante, diz-lhe ella, tiveste muito juizo em me vires visitar. Aparente em que

estás levantado há muito tempo; quem sabe mesmo se já trabalhas-te muito esta manhã?

— É verdade que sim, responde o Raio, já trabalhei muito. Quando o meu pai me despede não me dá licença que me divirta, e tem razão, por que eu quando estou mais contente é quando trabalho.

— O teu pai? Mas quem é o teu pai?

— É o Sol. Mora lá em cima, muito alto, no céu. É tão grande, tão grande, que não poderia vir à Terra; por isso, manda os filhos em seu lugar. Os filhos são os raios do Sol, meus irmãos, que, à minha semelhança, alumiam e aquecem a Terra.

— Mas, torna Celebra, os teus irmãos poderiam entrar contigo no quarto?

— De modo nenhum; a janela era estreita. Só eu pude passar. Os outros raios ficaram lá fora, estão alumiarando a fa-

chada da cara. Agora, se  
tu quizeres abrir a janella,  
entrarão contentissimos no  
teu quarto.

Helena levantou-se e  
foi abrir a janella de pin eiro  
par. Os raios do Sol entraram  
todos ao mesmo tempo no  
quarto e encheram-no de luz.  
Helena preparou-se, almoçou  
e deu principio ao seu dia, com  
a firme tenção de se tornar  
numa boa trabalhadeira sis-  
teba.

Suzanna Formosa

As boas palavras conse-  
guem mais que a vio-  
lencia. A E I O U

## Mãe e Filho

— Mãe, filhinho. O Inverno vagueia lá fora, levantando nas suas azas brancas o gelo da morte. Espera; não tarda que os raios dourados do sol venham afugentá-lo lá pelo interior das furnas, ou pelas entranhas sombrias das húmidas cavernas. Mãe, meu filho!

— Não, mãe; quero ver as risombas campuras por onde haçerias todos os dias, quero saudar o regato que murmura além umas doces cantilenas; quero contemplar a floresta virgem, onde subrova meu paiz meu, ou cantando os seus amores!

— Oshera, filhinho. Oshera primeiro que a Natureza se revolta da cobertura quente das pernas, espera que furez remugos se desenvolvam, para que possam, rápido, rasgar a amplitude do espaço e fugir á furia do falcão imigo. Não abandones assim a concha anónima do teu mundo. Mãe, filho querido!

A' douda avezinha não lhe valeram nem os temos conselhos, nem o desespero da po-

bre mãe.

Surgiu do ninho; estendeu o voo pelo campo alora; entrou pelos bosques; sorveu o perfume delicioso das mattas; e dahi sa hindo, chegou a margem dum ribeiro, e banhou-se na lymphá crystallina. Depois, sobre um ramo que bejava as aguas, abriu pela primeira vez a gargantinha sonora, num canto grave, mavioso.

Quando de novo quiz levantar o voo, sentiu as debéis alas entorpecidas pela neve téz ainda um esforço supremo, mas, ao atravessar para a margem fraterna, tombou sobre as aguas maravilhosas e lá se foi, arrastado pela corrente, desaparecendo ao longe, muito ao longe, o seu vulto pequerrinho.

S. Paulo - 1900.

J. Pinto e Silva

Imitaveris bonis exemplis

Uma estratagemma  
Revolta de Rieffran  
Conta-se deste tempo um  
facto curioso e singular, que  
caracterisa assaz a levandade  
de quasi pueril, com que os  
armotinados se haviam lan-  
çado nesta perigosa aventura.  
Deseyavam todos assegurar o  
exitto da revolução, mas teme-  
rosos ao mesmo tempo da trem-  
enda responsabilidade que  
ella trazia consigo, não havia  
quem não engistasse a sua  
autoria. Este delicado e contra-  
dictorio imperio, imaginaram  
um traço, que lhes pareceu  
não menos subtil e engenhoso  
que propria para conseguir  
os fins que se propunham. Im-  
primiram varias folhas de papel,  
traçaram no seu centro um  
grande circulo, e escreverem  
dentro d'elle a relação da re-  
volta com todas as suas causas  
justificativas, obrigando-se por

firm com juramento a  
sustentação de em todas as suas  
consequencias, sob pena de  
maldição divina, e outras  
serenas deprecações, não só con-  
tra os que faltarem ao pactan-  
do, senão ainda contra todos  
os seus filhos, e ultimos des-  
cendentes. Por fora, de redor  
do circulo, foi cada um depois  
firmando sua assignatura, de  
maneira que não era possi-  
vel conhecer quem primeiro  
subservera. Com este pueril  
subterfugio, sentindo-se todos  
obrigados, já nenhum uceara  
ser qualificado cabeça.  
João Francisco Lisboa..

O mais feliz dos homens é  
aquele que melhor emprega  
o seu tempo. O O O

## O Padre Voador

Em Santos, no anno de 1685, nasceu Bartholomeu Lourenço de Gusmão. Pertencia a uma familia illustre. Seu irmão, Alexandre de Gusmão, foi notavel estadista. Sua irmã, D. Joanna de Gusmão, distinguiu-se tanto por suas virtudes, que chegou a ser julgada santa pelo povo de Pestaro - hoje Florianopolis - onde morreu em completa pobreza.

Bartholomeu Lourenço de Gusmão em terra idade foi para Portugal, onde estudou canones na Universidade de Coimbra. Era pouco vulgar a sua illustração; sabia com pureza a lingua latina, falava com promptidão a franceza e a italiana, e conhecia bem a grega e hebraica. Além do estudo de linguas dedicou-se ao de physica, e este



dever a sua grande nomeada,  
e tambem ao seu triste fim.

Foi o inventor dos balões  
aerostatos. No dia 8 de Agosto  
de 1724 fez a sua primeira as-  
censão, perante a corte de Lis-  
boa, causando assombro a todos.

O povo ignorante d'aquella  
epoca não queria acreditar  
na realidade do invento do pa-  
dre Guzmão. Chamaram-no  
Louco e ridicularizavam-no com  
os nomes de Passarola e Padre voador;  
os poetas d'aquelle tempo, que  
não podiam, por sua ignorancia,  
comprehender tão estranho que-  
cesito, escreviam versos insult-  
tantes, que até hoje se conservam  
para vergonha de seus autores.

Depois que realizou-se a ex-  
periencia, que o padre Gus-  
mão elevou-se realmente no  
ar com sua passarola, que era co-  
mo chamavam tambem o seu  
invento, a população já não  
o chamava de Louco, mas dis-  
se que tinha um pacto com

a espirito maligno, si é que não era o diabo em pessoa.

Foi denunciado à Inquisição e obrigado a fugir de Portugal, para não ser condemnado, como feiticeiro, a morrer queimado nas santas fogueiras.

Refugiou-se em Hespanha, onde foi acabar seus dias sobre um miseravel catre d'um hospital de Toledo.

Morreu, reduzido a extrema penuria, no dia 18 de Novembro de 1724.

Sa 74 annos depois, em 5 de Junho de 1783, em França, realitou-se uma nova ascensão aerostatica, feita pelos irmãos Montgolfier, que entretanto passaram por ser os inventores dos balões.

— Compilações

Quem forte protege os fracos.

## Marinha

Rompe, cante, o navio as ondas luminosas,  
desprendidas ao vento as largas pausas brancas,  
Vão-se, as poucas, sumindo as colas, as barrancas,  
e o esfumado perfil das montanhas sandoras.

Como o activo leão, em rápidos arroubos,  
para o inimigo avança as garras sanguinolvas,  
também agita o mar as vagas tormentoras,  
e do navio arrealta os movimentos flancos.

Depois covega e geme. É calmo o oceano agora.  
Sobre as águas derrama um clarão oscillante  
a lua que no céu, entre nuvens, campesia.

Que tristeza que sente o que se vai embora,  
ouvindo, à noite, o mar, que nas praias distantes,  
entre os penhascos chora, e canta sobre a areia!

S. Paulo - 1895

Oberthofense

## General Osorio

Procurou-o um dia um sujeito que queria vender ao governo, occupado na remonta de corpos de cavallaria do sul, cavallos na maior parte impressionados.

Queria o sujeito uma carta do general, recommendando-o a commissão.

O general respondeu:

— Homem, você é entendido na materia e não desconhece as exigencias do governo. Se os seus cavallos são bons, para que quer recommendações?

— Para evitar injustiças.

— Pois, então escreva você mesmo o que vou ditar.

E ditou:

« Illms. Senrs. — O portador vou conduzindo uma cavallada que pretende vender

ao Estado, mediante o previo  
exame da commissão de que  
são V. Exs. dignissimos mem-  
bros. A primeira condição p<sup>ra</sup>  
a boa cavallaria é a veloci-  
dade e esta depende da excel-  
lencia dos cavallo; portanto  
seria excusado lembrar duas  
coisas: primeira, que os ani-  
maes imprestaveis que levari  
o portador devem ser refu-  
gados, e, segunda, que V. Exs  
devem ser rigorosos no cum-  
primento das ordens do  
governo. Esta carta só  
tem por fim pedir que V. Exs  
despachem com brevidade o  
portador."

— Não, general, esta car-  
ta não me serve, disse o  
homem.

— Pois dê-m'a, disse Orr  
rio, tomando-a de cima da  
mesa e rasgando-a. O que que-  
ria de mim? Uma indigni-  
dade? Que idéa faz o senhor

da bouca albeia? Se a não  
tem, respeite a dos outros.

F. Soares.

---

### A primeira escola de São Paulo

Fundou-se o collegio de  
São Paulo em 1554. Em uma  
pobre casinha feita de me-  
deira e barro e coberta de  
palha, com uma esteira de  
cannas por porta, vivia  
José de Anchieta e seus  
companheiros. Não contava  
a habitação mais de qua-  
torze passos de comprimen-  
to e dez de largura, e ser-  
via este estreito albergue  
de escola, enfermaria, dor-  
mitorio, cozinha e refeitó-  
rio.

Ahi o Padre Anchieta  
leccionava seus alumnos

e muitas vezes molestados pelo fumo que enchia a habitação, sabiam para fóra, e expostos aos rigores do inverno, que gelava-lhes as mãos, faziam suas leituras e outros exercicios.

Livros não os tinham, e o mestre tinha que remediar essa falta copiando as lições nos cadernos de cada um dos alumnos.

Mas, apesar de tantas embarrações, os pequenos indigenas iam adquirindo pouco a pouco esses conhecimentos, que transformavam os barbaros filhos das mattas em auxiliares da civilisação europia, que devia aqui se desenvolver.

(Compilações historicas  
de R. Puiggari )

---

~ Um apólogo ~

~ ~ ~

Era uma vez uma agulha, que disse a um novello de linha:

— Porque está você com esse ar, toda cheia de si, toda emolada, para fingir que vale alguma cousa neste mundo?

— Deixe-me, senhora.

— Que a deixe? Que a deixe, por que? Porque lhe digo que está com um ar inrupportavel? Repito que sim, e fallarei sempre que me der na cabeça.

— Que cabeça, senhora? A senhora não é alfinete, é agulha. Agulha não tem cabeça. Que lhe importa o meu ar? Cada qual tem o ar que Deus lhe deu. Importe-se com a sua vida e deixe a dos outros.

— Mas você é orgulhosa.

— De certo que sou.

— Mas por que?

— É boa! Porque cose. Então os vestidos e enfeites de nossa ama, quem é que os cose, senão eu?

— Você? Está agora é melhor. Você é que os cose? Você ignora que quem os cose sou eu, e muito eu?

— Você fura o panno, nada mais; eu é que cose, prendo um pedaço ao outro, dou feições aos tabados...

— Sim, mas que vale isso? Eu é que furo o panno, vou adiante, buscando por você, que vem atrás,



Obedecendo ao que eu faço e mando...

— Também os batedores vão adiante do imperador.

— Você, imperador?

— Não digo isso. Mas a verdade é que você faz um papel subalterno, indo adiante; vai só mostrando o caminho, vai fazendo o trabalho obscuro e infimo.

Eu é que prendo, ligo, ajunto...

Estavam nisto, quando a costureira chegou à casa da baroneza. Não sei se disse que isto se passava em casa de uma baroneza, que tinha a modista ao pé de si, para não andar abragd'ella. Chegou a costureira, pegou do farrão, pegou da agulha, pegou da linha, enfiou a linha na agulha, e entrou a coser. Uma e outra iam andando orgulhosas, pelo farrão adiante, que era a melhor das sedas, entre os dedos da costureira, ageis como os galgos de Diana — para dar a isto uma cõr poetica. E dizia a agulha:

— Então, senhora linha, ainda teima no que dizia ha pouco? Não repara que esta distincta costureira só se importa com mim; eu é que vou aqui entre os dedos d'ella, unidinha a elles, furando abaixo e acima...

A linha não respondia nada; ia andando. Buraco aberto pela agulha era logo enchido por ella, silenciosa e activa, como quem sabe o que faz, e não está para ouvir palavras loucas. A agulha, vendo que ella não lhe dava resposta, calou-se também, e foi andando.

É era tudo silencio na saleta de costura; não se ouvia mais que o plie - plie - plie - plie da agulha no passivo. Cakun do sol, a costureira dobrou a costura, para o dia seguinte; continuou ainda nesse e no outro, até que no quarto acabou a obra, e ficou esperando o baile.

Vem a noite do baile, e a baroneza vestiu-se. A costureira, que a ajudou a vestir-se, levava a agulha espetada no cofezinho, para dar algum ponto necessario. Enquanto compunha o vestido da bella dama, e buscava a um lado ou outro, arregacava d'aqui ou d'alli, alisando, abrotoando, acolchetando, a linha, para moçar da agulha, perguntou-lhe: - Ora agora, diga-me, quem é que vai ao baile, no corpo da baroneza, fazendo parte do vestido e da elegancia? Quem é que vai dançar com ministros e diplomatas, enquanto você volta para a caixinha da costureira, antes de ir para o balcão das mucamas? Vamos, diga lá.

Parece que a agulha não disse nada; mas um alfinete, de cabeça grande e não menor experiencia, murmurou a pobre agulha: - Ainda aprende, tola. Consegue-te em abrir caminho para ella e ella é que vai gozar da vida, enquanto ahí ficas na caixinha de costura. Faze como eu, que não abro caminho para ninguém. Onde me espetam, fico.

Contei esta historia a um professor de melancolia, que me disse, abanando a cabeça: - Tambem eu tenho servido de agulha a muita linha ordinaria!

Machado de Assis.

Um quinao.

Um dia, Alfredo ha um livroinho de Botânica, immã pagina que tratava das folhas. Thi se dava como exemplo de folha penninervia, a folha da mangueira.

Alfredo comecou a pensar: Porque será que se não der folha de manga? Descobindo alguma coisa foi ter com o irmão e disse-lhe: Juvenal, tenho um collega que está com a gengiva inchada; sabes um remedio?

- Folhas de batata.

- Mas elle está comtudo tambem.

- Então é muito bom um phi de folhas de laranja, com assucar queimado.

- Podis arranjar esas folhas?

- Já, etc.

Juvenal correu ao quintal e trouxe, todo enthusiasmo, as folhas recitadas. Alfredo deu uma gargalhada e disse: Essas folhas são de laranja e batateira. Logo, laranja e batata não são folhas. E Alfredo que nada perdoava, exclamou: Cipluido quinao!

João Borges.

## Meus companheiros

O Juquinha se aborrece,  
pois, si o pobre nem conhece  
uma letra do a - b - c!

Ja se vê.

quando faltam companheiros  
para seus bunsos begeiros,  
aruga os braços,  
e não sabe dar dous passos.

Não ha meio de ir a escola.

— Ora deixem! isto amola!

aprender? oh! que massada!..

não sei nada,

entretanto vou vivendo,

vou dormindo, vou comendo,

sem trabalhos,

sem ouvir do mestre os ralhos.

O Carlinhos é o contrario;  
trabalha sempre no horario,  
atende a todos e a tudo;  
e no estudo

seu progresso é tão feando,  
sabe as lições tão a fundo,  
que parece  
que o brinquedo desconfiece.

Não é assim; se diverte,  
nem um momento está inerte,  
estuda, brinca e passera.

Não receia  
nem fadiga, nem cansaco;  
tem uma tempera de aço,  
é robusto,  
consegue tudo sem custo.

Qual dos dois é mais amavel?  
O juquinha é bem tratavel,  
bom rapaz, muito attencioso,  
mas o gozo  
resume na radiagem.

Em gosto mais da coragem  
do Carlinhos;  
são p'ra elle os meus carinhos.

R. Pizzari

## A Volta

Surgiu a manha, perrun-  
do pela bocea hummossa do sol  
nascente

O campanario esquiso re-  
cebe em chris mil paos dou-  
rados que nelle se copadanam,  
num banho quente de luz. Sa-  
ida - o o bando jovial que a  
estacao invernosa accessou para  
extranhas regioes, e que hoje  
retorna, embendo os arcos de  
chibros alegres, triumphaes.

Sim: voltaram as avegi-  
tas gentis, as dendas andri-  
nhas - os sandosos habitantes  
daquelle torre erma e solitaria.

Rapidas como flechas, el-  
las passam atravez das janel-  
las, dende pendem os burtigos  
bronzes, debertando com grati-  
nhos aquellos o recanto silensio-  
so; oultas attingem ao ponto  
maie culminante do rebto

sem folo, empoleirando-se lá em cima, onde o erugeiro abre os braços ao céu, e, muito justinhas, vão murmurando uns sussurros doces, suaves?

Um outro bando gazil só se joga o espaço azul e, alto, bem alto, descreve uma serie interminavel de arcos. Estas descem em curvilineas ao solo, e, num ritmo constante, arrebataem, eileres, aqui e alli as nuvalhas que as sustentam.

E assim vai passando o quadro profusio, até que o látego vibrante do Inverno venha afugentar as innocentes avezinhas, que dão todos os dias uma nota festiva ao vetusto campanario.

S. Paulo - 1900.

J. Pinto e Silva

## Jaguarari

Quando os hollandezes invadiram pela primeira vez a Bahia, os portuguezes de pois de fraca resistencia, retraram-se precipitadamente para o Rio Vermelho, onde se acamparam. Jaguarari, seu alliado, os acompanhara, mas tendo-os deixado acampados e na segurança que os tempos permittham, voltou á cidade, onde havia deixado a mulher e os filhos para os resgatar, ou servir na companhia de uma familia, que só nelle podiam pôr esperanza. A este tempo já alguns portuguezes, por motivos infinitamente menos nobres, tinham factuado com os invasores, passando-se para elles. Com a chegada de D. Fradique de Toledo, os hollandezes retiraram-se; os portuguezes traidores ficaram impunes; mas o indio carregado de ferros, é arrastado até o Rio Grande do Norte, e alli encerrado no forte, talvez na cara escura, não lhe valendo para



desculpa e amor que devia ter á sua gente.

Quando, porém, mudadas as circumstancias, os hollandezes entraram no Rio grande, não obstante os annos decorridos, ainda alli encontraram o indio preso, e cuidaram que o seu justo sentimento lhes assegurava um constante alliado. Não lhe impõe condições para a coltura, quebram-lhe os ferros e o indio é posto em liberdade. E ao vêr a luz, a que já estava desacostumado, emmagrecido e curvado, mais pelas correntes, do que pelos annos, e em tempo em que as armas portuguezas cediam á fortuna do Conde Mauricio, juntou gente e foi unir-se aos seus antigos alliados, como para mostrar-lhes que a lealdade de um selvagem ainda era maior que a ingratitude dos europeus.

A. Joncalves Dias.

## Guttenberg e a imprensa.

A imprensa typographica foi inventada por João Guttenberg, no anno de 1436. Antes da invenção de Guttenberg, todas as produções do espirito humano só se podiam conservar e transmitir por meio de manuscritos, e ficavam portanto encerradas nas estantes de seus autores, ou guardadas em bibliothecas, onde apenas podiam aproveitar aos raros individuos, que se achavam em condições de consultá-las.

Tambem por essa razão as sciencias, letras e artes constituiram um verdadeiro monopolio de poucos homens: monopolio fatal, que a feliz descoberta de Guttenberg destruiu, facilitando a propagação e a permittida das ideias e conhecimentos das sabias ideias e conhecimentos, que se tornaram, graças á imprensa, propriedade do genero humano.

João Guttenberg, o grande benemerito da civilisação, nasceu em Moguncia na

Alcivaraba, no anno de 1400, e morreu em 1468

Obrigado a expatriar-se por motivo das suas exaltadas opiniões politicas, foi estabelecer-se em Strasburgo no anno de 1434, e alli fez pelos annos de 1438 a 1440 os primeiros ensaios de impressões typographicas.

Empregou a principio caracteres moveis feitos de madeira, chegando afinal, depois de pacificos cambios, variações e ensaios, a fazer typos de metal fundido, usados em moldes ou matrizes.

Estava descoberta a arte typographica.

Barão de Macahubas

Barão de Macahubas

O Barão de Macahubas. Quem não conhece de nome? Era autor de muitos livros de ensino, que espalhou gratuitamente por centenas de escolas. Toda uma longa vida foi dedicada ao ensino. O "Collegio Abilio" a principio na Bahia, e depois no Rio de Janeiro, foi um modelo.

## Inteireira dos Andradas

Acerca da pobreza de Yori Bonifacio, que não possuia mais de 30000 quando foi preso e deportado, contarei puma anedocta, que não sera lida sem interesse.

Os ministros da regencia de D. Pedro reduziram seu orçamento á metade do que era no tempo de D. João VI. Ficaram seu 4.800.000 annuaes, pagos mensalmente.

Yori Bonifacio, recebendo 400.000 em bilhete do Banco, de um mee de seu ordenado, os metteu no seu do chapéo e no theatro lto roubaram o chapéo e o contendo.

O primeiro ministro do imperio do Brazil, achou-se no dia seguinte, sem ter com o que enaudar e comprar o jantar. Não possuia nem um vin-Item mais, e seu sobrinho Belchior Fernandes Pinheiro foi quem pagou ad despejar do dia.

Em conselho Yori Bonifacio referiu

esta occurrencia e a extrema necessidade a que ella o reduzia e a sua familia.

O imperador entendeu que o ministro, visto a penuria em que se achava, devia ser indemnizado, pagando-se-lhe outro mez de ordenado, e, neste sentido, deu alli as suas ordens ao ministro da Fazenda.

Martim Francisco não obedeceu. Disse ao imperador que não havia lei que puzesse a cargo do Estado os despendios da Impregação publicos; que o anno tinha para todos doze mezes e não tres para os protegidos; e, finalmente, pedia a Sua Magestade retrassar a sua ordem, porque era exequível que elle, Martin Francisco, repartisse com seu irmão o seu ordenado e que viveriam ambos com mais parcimonia aquelle mez, o que era melhor do que dar ao paiz o funesto exemplo de se pagar ao ministro duas vezes o ordenado de um só mez.

Este incidente não foi mais adiante.

Martim Francisco repartiu com sua irmã o dinheiro que tinha, e José Bonifácio dahi por diante tomou maior cuidado no chapéo, e no dinheiro que recebia.

Antonio Meneguez Tascurrella do Hammond.

---

- O poeta Silva Alvarenga -

Voltava de Portugal, em 1777, o poeta Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, a bordo do navio "Príncipe da Beira", commandado por Manoel Gonçalves Anjo.

Ao que parece o capitão guardava para si o melhor das iguarias de sua dispensa, e aos passageiros não proporcionava senão bens em a grossa quebra-jejuns, que mal chegavam para distrahir a fome, que inspirou a Alvarenga o seguinte soneto:

Que uma porta que se queira e bem talhada  
aos fortes galieões cause inveja,  
ou que aproubas ao vento que forceja,  
e ao bravo mar o rigido costado.....

si tu, principe magro e descorado  
em vãos pedes as fies que te proteja,  
se um dia só não passa sem que seja  
por successos de fome assignalado!

O capitão co' os olhos na frasca  
de noite os paços e presuntos come,  
e os mais se juram a summa intima.

Quem muda o capitão, ou muda o nome,  
si não, em vez de Principe da Baira,  
será chamado o principe da fome.

— Compilações —

A modestia realca o me-  
recimento. a v v v v

### Um anzinho enfermeiro

Esta' melhor cliente o Dr. Silva a' sua cliente Laura, esta'... Agora o que e' preciso e' tomar alguns raios deste bello sol... Sera' como ficou forte. Pedrinho contou a recomenclação que o medico fizera a sua mãe.

Pedrinho era uma interessante criancinha de tres annos de idade, felleo da Laura.

Logo que o medico saiu, elle foi a cozinha, agarrou um boião bem limpo e correu ao quintal.

O tempo estava esplendido!

Pedrinho collocou o boião de modo que os raios do sol caissem-lhe dentro.

Esperou um pouco, e depois, tapando cuidadosamente o boião com a fralda da camisinha, foi correndo levá-lo a sua mãe.

Toma, Toma, minha mamanzinha, diz elle, o doutor mandou... Não tem mais gosto, não... É para ficar boa, prova um boiãozinho... É o sol.



D. Lourenço, enternecido abraçou o  
pequenininho, e por entre lagrimas e sorris-  
cos lhe disse:

« Bem sei, filhinho, que nos poderes  
guardar o sol... E boias está o raio,  
mas não tem... Mas, filho de minha alma,  
melhor do que o raio do sol foram  
para mim estes raios de teu amor.

« Como sou feliz! »

Dr. Alonzo Vieira.

---

Dr. Alonzo Vieira

O Dr. Alonzo Vieira era  
um medico distincto, que a-  
bandonando a medicina, de-  
dicou-se completamente á  
instrução popular.

Viveu pobre, viveu fo-  
bre mas deixou á sua fami-  
lia um thesouro precioso —  
a lembrança de uma vida  
consagrada ao amor das ex-  
actas.

## A. Flor

Despontou o botão! cresceu!  
entreabriu! corou! desape-  
tu-se! desdobrau-se de to-  
do! eis a flor!

Nunca a planta pareceu  
tão maravilhosa! Sobretu-  
do nunca se mostrou as-  
sim amarel!

As cores, o cheiro, as formas  
encantadoras desta efhe-  
mera maravilha, appeal-  
lidada, flor, namorame-  
ntes, os espiritos mais sus-  
tios, mais ignorantes, ou  
meios reflexivos.

O camponez se detem para  
a considerar; o menino,  
que ainda não fala, a pede  
por acenos; a formosa a  
cubica para se aliardar;  
mil insectos e vermes fol-  
gam de se ir embalar nel-  
la aos zephyros; a ave a  
espreita do seu ninho; a  
abelha lhe vai pedir o mel

os olhos do velho uma sanda  
de; o pintor se apressa de  
a retratar; o florista de  
a esculpir; o destillador de  
lhe recoher o espirito em  
cristais; o sabio de a escre-  
ver, estudal-a, um quanto  
o poeta lhe deve e lhe con-  
sagra um canto intimo;  
e o religioso extrae d'ella  
uma das suas oracoes mais  
fervorosas. A. J. de Castilho.

Aquella que abusa de sua  
força para com os fracos,  
verra a ser castigado por  
outro mais forte. f f f f

O desembargador Petra  
Abucodeta

Privado de D. João VI. Rio de Janeiro.

Esta época em que vivia o desembargador Petra, a camara municipal marcava o maximum dos preços dos generos de primeira necessidade, e fiscalizava o mercado, impedindo que se vendessem ao povo generos alimentícios deteriorados.

Aquelle desembargador presidia a camara municipal como juiz de fora que era, e portanto a seu cargo, principalmente, estava o cuidado de garantir ao povo generos alimentícios em bom estado e por um preço não exorbitante.

Okim pronto era o desembargador Petra muito rico, e um certo mercador de farinha de mandioca, que era promotor das casas de alguns fidalgoes ricos influentes, tinha sido por elle mais de uma vez condemnado em consequencia de

vender farinha avarejada ao povo, e ainda em cima de ter uma balança infiel.

O negociante, cansado de sofrer a motidão do juiz, appellou para os millogros do fratriato.

Um dia em que o desembargador Petra dava audiencia, aproximou-se d'elle o negociante de farinha, e apresentou-lhe um aviso au frontaria do ministio em que era ordenado ao juiz de fora que não incomodasse mais o fornecedor dos fidalgos.

O desembargador leu primeiro para si e depois em alta voz a ordem do governo, e em seguida beijou respectivamente o aviso au frontaria, e disse:

— Pode descansar e partir a sua ventade: o governo o autorisa a reubar ab povo; eu hei de cumprir as ordens do governo,

e V. ob.<sup>ca</sup> fará muito bem se  
partar dez rzes mais do que  
partard até agora.

Joaquim Manoel de Obacido.

Uma bella inscripção  
sta entrada do Lyceu de  
artes e Officinas do Rio de Ja-  
neiro lê-se a seguinte ins-  
cripção mandada gravar  
pelo Sr. Francisco Joaquim  
Bittermann de Lira, a quem  
se deve a organização d'aquel-  
le magnifico estabelecimento:  
Tegui o pobre ao rico não se humilha,  
São iguaes nesta escola os cidadãos;  
Oguri só vale a gloria do trabalho,  
Otas aulas do Lyceu ha si' irmãs.

Obacido:

Os legados de engenho e sabi-  
doria dirigidos ao genio humano, são  
os mais seguros monumentos para per-  
petuar a nossa memoria e nome  
nos seculos futuros. Obacido.

A cigarra e a formiga.

Tendo a cigarra em cantigas  
Folgado todo o verão,  
Achou-se em penúria extrema,  
Na tormentosa estação.

Na olhestando migalha,  
Que truncasse a tagarella  
Foi valer-se da formiga,  
Que morava perto d'ella.

Porém lhe que lhe impertasse;  
Pois tinha riqueza, e brio,  
Algum grão com que manter-se  
E voltar o acciso estio.

"Amiga, (diz a cigarra)  
Probetto, a fi. de animal,  
Togar voz antes de agorto  
E juror, e o principal."

A formiga nunca empusta,  
Nunca dá, por isso spunta.  
"Noverão, em que lidavas?"  
A pedinte ella pergunta.

Responde a outra: "Eu cantava  
Norte e dia, a toda a hora."

"Oh! Bravo! (torna a formiga)  
Cantavas? Pois dança agora!"  
Docage.

# O Brasil

O Novo Mundo é a mais  
fecunda e Brasil, a mais rica região  
felicíssima Terra, em cuja  
superfície tudo se produz  
em cujo centro tudo se conserva,  
em suas montanhas e costas tudo  
se renova; tributa-lhe os seus  
campos o mais útil alimento, as  
suas minas o mais fino ouro,  
as suas florestas o mais suave  
balsamo, e os seus rios o mais  
delicioso e delecto, e o mais útil peixe,  
e o trigo e os lúxus rios.  
Em nenhuma outra região  
se mostra o céu mais sereno,  
nem o ar mais agradável  
e a luz do sol em nenhuma  
outra hemisféria tem os raios  
tão dourados, nem os reflexos  
noturnos tão brilhantes, e as  
estrelas são as mais benignas,  
e se mostram sempre alegres,  
e horizontes, se não o sol, não  
se repulsião, e sempre claros.



no, e quies, ou se tornem nos fontes  
pelos campos, ou dentro das  
fornas e no me aqueductos,  
seu rio meus feras.....

A sua costa é a orçãis  
famosa que encerra os  
manequetes, pois em toda  
ella é em qualque tempo,  
estão as suas elevadas  
montanhas e alto curvare dos  
colubos e vestidos de muscos,  
e tapearias verdes, por  
onde encerra innumeraes  
candulosos rios, que em  
cascinas e diapherans  
cruentes precipitam eistais  
nos seus ribeirões, ou levam  
tributo a seus mares, em  
que ha grandes ensaiados,  
forquitos e continuados portos  
capacissimos dos orçãis,  
lucis e dos orçãis nume-  
rosas curvadas.

Sebastião da Rocha Pitta



# Índice

	PAG.
<i>A Calligraphia.</i>	3
<i>A lingua portugueza</i>	8
<i>Vozes de animaes</i>	9
<i>Lucas</i>	12
<i>O Gil</i>	14
<i>Natal</i>	15
<i>Anniversario</i>	16
<i>Arrependimento infantil</i>	18
<i>Bosquejo</i>	25
<i>A superstição</i>	26
<i>Filisberto de Carvalho.</i>	28
<i>As duas mães</i>	29
<i>Amor de familia</i>	30
<i>A lagarta e o bicho da seda</i>	32
<i>Um castello.... em papas (autographo)</i>	33
<i>A palavra</i>	36
<i>Antonio João</i>	37
<i>Amigos.</i>	43
<i>O relógio (autographo)</i>	45
<i>Glorias futuras</i>	48
<i>Hilario Ribeiro</i>	49
<i>O leão e a Raposa</i>	50
<i>Piratininga</i>	51
<i>D. Maria de Souza</i>	52
<i>Chromo</i>	53
<i>O mestre de reza</i>	54
<i>Bartholomeu Bueno da Silva.</i>	58
<i>O Orgulho da aguia.</i>	60
<i>Astucia do Tigre</i>	62
<i>Patria (autographo)</i>	65
<i>O Sabiá</i>	68
<i>O lobo e o cordeiro</i>	70
<i>A raposa e as uvas</i>	71
<i>Salto de Itú</i>	72

<b>Eia Avante!</b>	74
<i>O presbyterio</i>	76
<b>O lobo e o cão magro</b>	78
<i>Caçada de bujios</i>	80
<i>Frei Fulgencio</i>	81
<b>O ratinho (autographo)</b>	82
<b>O rumo do Oriente (autographo)</b>	84
<i>Um raio do sol</i>	85
<i>Mãe e filho (autographo)</i>	88
<i>Um estratagema</i>	90
<i>O padre voador</i>	92
<b>Marinha (autographo)</b>	95
<i>General Osorio</i>	96
<i>A primeira escola de S. Paulo</i>	98
<i>Um apologo</i>	100
<i>Um quinhão</i>	103
<b>Meus companheiros</b>	104
<i>A volta (autographo)</i>	106
<i>Jaguarari</i>	108
<i>Guttemberg e a imprensa</i>	110
<i>Barão de Macahubas</i>	111
<i>Inteireza dos Andradas</i>	112
<i>O poeta Silca Alvarenga</i>	114
<i>Um anjinho enfermeiro</i>	116
<i>Dr. Menezes Vieira</i>	117
<i>A flôr</i>	118
<i>O desembargador Pedra</i>	120
<i>Joaquim Manoel de Macedo</i>	122
<i>Maxima</i>	122
<b>A cigarra e a formiga</b>	123
<b>O Brasil</b>	124





# FRANCISCO ALVES & COMP. — Editores

Rio de Janeiro — S. Paulo — Belo Horizonte

## SÉRIES DE LIVROS DE LEITURA

### JOÃO KÖPKE

Primeiro livro . . . .	1\$500	Quinto livro . . . .	4\$000
Segundo livro. . . .	2\$000	Fabulas . . . .	1\$500
Terceiro livro. . . .	2\$000	Leituras Praticas . . .	1\$500
Quarto livro . . . .	3\$000		

### PUGGARI-BARRETO

Primeiro livro . . . .	1\$500	Quarto livro . . . .	3\$000
Segundo livro . . . .	2\$000	Quinto livro . . . .	4\$000
Terceiro livro, . . . .	2\$000		

### ARNALDO BARRETO

Cartilha analytica . . .	1\$500	Primeiras leituras . . .	2\$000
Cartilha das Mães . . .	1\$000	Leituras Moraes. . . .	1\$500

### THOMAZ GALHARDO

Cartilha da Infancia . .	\$500	Terceiro livro . . . .	2\$000
Segundo livro. . . .	1\$000		

### FRANCISCO VIANNA E MIGUEL CARNEIRO JUNIOR

Leituras Infantis — Leitura preparatoria . . . . .	1\$500
--	--------

### FELISBERTO DE CARVALHO

Primeiro livro . . . .	1\$500	Quarto livro. . . .	3\$000
Segundo livro. . . .	2\$000	Quinto livro . . . .	3\$000
Terceiro livro. . . .	2\$500		

### MARIO BULOÃO

Vida Infantil — Primeiro livro . . . . .	1\$500
» » — Segundo livro . . . . .	2\$000
» » — Terceiro livro . . . . .	2\$000
» » — Quarto livro . . . . .	\$

### FRANCISCO VIANNA

Leituras Infantis — Primeiro livro . . . . .	1\$500
» » — Segundo livro . . . . .	2\$000
» » — Terceiro livro . . . . .	2\$000
» » — Quarto livro . . . . . (em preparação)	